

BRINCANDO COM FOGO: O TRAJE DE CENA DOS ESPETÁCULOS DA BOATE GAY HOMO SAPIENS

Fausto Viana

Resumo

O artigo investiga a produção e uso dos trajes de cena– figurinos– na boate Homo Sapiens, uma casa gay no centro da cidade de São Paulo. O espetáculo Brincando com fogo foi emblemático dentro daquela empresa, que herdou o modo de produção dos espetáculos franceses e dos espetáculos de companhias de teatro de revista como as de Valter Pinto. A pesquisa se baseia fundamentalmente no acervo iconográfico e áudio visual do hoje fotógrafo Ronaldo Gutierrez, bailarino de formação e que trabalhou na Homo Sapiens entre 1977 e 1992, protagonizando, entre outros, o espetáculo Brincando com fogo. A pesquisa também dialoga com os depoimentos de outros artistas e criadores atuantes no período, como Kaká di Polly (que revela como os acervos pessoais eram fundamentais no processo criativo dos trajes) e Elisa Mascaro (que trata do assunto “figurino” no filme São Paulo em Hi-Fi), o que ajudou a contextualizar os trajes e os espetáculos na cena gay paulistana no período, com todas as suas implicações econômicas, sociais e históricas.

Palavras-chave: traje de cena gay; figurino; Homo Sapiens; Ronaldo Gutierrez.

Abstract

This paper investigates the production and use of stage costumes in the club Homo Sapiens, a gay house in downtown São Paulo. The show *Brincando com fogo* was emblematic in that company, which inherited the ways of production of the French shows and the shows of the burlesque Brazilian companies, such as the one of Valter Pinto. The research is based fundamentally on the iconographic and audiovisual collection of the nowadays photographer Ronaldo Gutierrez, a ballet dancer who worked for Homo sapiens from 1977 and 1992, starring, among others, the show *Brincando com fogo*. The research also handles the testimony of other artists and creators active in the period, as Kaka di Polly (who reveals how personal collections were fundamental in the creative process of the costumes) and Elisa Mascaro (that talks about costumes in the film *São Paulo in Hi-Fi*), and that helped to contextualize costumes and the gay scene in São Paulo at the time, with all of its economic, social and historic implications.

Keywords: gay costume design; theatrical costumes; Homo Sapiens; Ronaldo Gutierrez.

Introdução

"Nós éramos jovens, a gente sabia dançar, a gente se vestia bem, e achava que não ia morrer nunca". (Mário Mendes, jornalista, em depoimento no documentário São Paulo em Hi-Fi)

A vida da comunidade gay nos anos 1980 na cidade de São Paulo foi, aparentemente, uma festa. São Paulo em Hi-Fi, um documentário recente, dirigido por Lufe Steffen e lançado em 2016, aponta neste caminho: traz os depoimentos de muitos ativistas, artistas, performers e participantes que viveram a noite gay da cidade mais populosa da América do Sul naquela fase.

A festa se encerraria com o advento da AIDS, que destruiu boa parte desta mesma comunidade citada acima. O clima de tristeza, perda e desolação assolou a população gay da cidade e o luto se fez presente. Aliados à saudade da juventude, da memória dos tempos idos e daqueles que vivenciaram coletivamente os anos 80, muitos dos depoimentos são revestidos de certa angústia. Mas acima de tudo sobressai um clima de conquista, de esperança e da sensação de que as coisas melhoraram para a comunidade LGBT na cidade de São Paulo – muito diferente do restante do país.

José Silvério Trevisan, um dos depoentes de São Paulo em Hi-Fi, diz que não havia muitos lugares em que se podia encontrar abertamente com alguém do mesmo sexo. Ele cita cinemas, banheiros públicos, praças e

finalmente as boates, os dancings, como a Medieval, a Nostro Mondo, a Corinto, a Homo Sapiens (HS) e outras que surgiram e foram desaparecendo ao longo dos anos.

Dentro destes espaços, havia um espaço reservado para shows e apresentações, cômicas ou não. Eram geralmente palcos diminutos, dadas as dimensões das casas, e a cenografia era geralmente muito pouco diferenciada. Cortinas de cena eram de uso frequente, em cores diversas e o uso das escadarias – ou melhor dizendo, dos degraus que lembravam as escadarias dos grandes teatros e palcos franceses onde artistas e outros criadores iam buscar inspiração – eram quase obrigatórios. A inspiração americana de espetáculo viria mais tarde, ainda que não alterando a estrutura básica palco–cortina–degraus.

O objetivo deste artigo é analisar, dentro das ainda poucas fontes iconográficas que sobraram dos palcos do período, o traje de cena empregado na boate Homo sapiens, entendendo um pouco mais o contexto em que eles eram utilizados.

A Homo Sapiens

A Homo Sapiens ficava na Rua Marquês de Itu, 182. Uma das diretoras artísticas era Meyse, que foi também um dos maiores destaques artísticos da casa.



Figura 1 – A entrada da boate Homo Sapiens. No local, hoje, funciona a boate gay ABC Bailão. Fonte: Página do Facebook da Condessa Mônica.



Figura 2– Visão interna da boate Homo Sapiens. Fonte: Página do Facebook da Condessa Mônica.

Ronaldo Gutierrez era parte do elenco da HS, tendo antes já trabalhado na Medieval. “Os tempos eram outros e as casas investiam em verdadeiros espetáculos, com enredo, bailarinos profissionais e figurinos. Tentei entrar para o elenco de bailarinos da Medieval durante três anos, isso em 81, 82”. A seleção era tão rígida e a disputa tão grande que “eu não conseguia ser aprovado. Quando entrei, transbordei de felicidade, mas me deixaram lá no fundinho. Mesmo assim, aproveitei a oportunidade e investi pesado”⁷⁸.

Gutierrez, em entrevista ao autor deste texto, deu alguns esclarecimentos bastante importantes que desmitificam um pouco o aparente glamour existente na profissão bailarino de casas noturnas dos anos 80:

A gente era marginal... Além de eu ser bailarino, eu trabalhava no Municipal. Eu fazia puteiro, que era como se falava “dançar na noite”. A gente saía do Teatro Municipal, vários atores, e ia fazer várias boates, na noite. Eu acabei ficando mais nas boates gays, que davam mais dinheiro. Era necessário viver. Não tinha salário como tem agora com as leis de incentivo. (Entrevista R. Gutierrez)

Gutierrez dançava em companhias de balé clássico e trabalhava também no teatro infantil. Buscava conciliar estas atividades com a dança nas boates. Ele conta que iniciou estas atividades por volta de 1977 e só parou em 1992, quando as boates passaram por um período de

⁷⁸ in <<http://www.nlucon.com/2013/01/fotografo-e-diretor-teatral-ronaldo.html>>. Acesso em 25 jul. 2017.

liberdade muito grande e o sexo explícito foi incorporado à cena. “Para mim não dava, eu disse que chegava. Ainda mais depois de termos feito tantas coisas boas”, ele lamenta.

Questionado sobre qual tipo de espetáculos se faziam em casas gays do período, Ronaldo diz que eram “o que você faz hoje nos musicais aqui em São Paulo. Exatamente isso: a gente cantava, dançava e interpretava”.

Dentre as produções “importadas”, eles produziram, por exemplo, Hair (fig.3) e Cabaret (fig.4), em versões mais sintéticas de uma hora de duração. Os espetáculos eram apresentados de terça a domingo. Terças e quintas às 11hs da noite e nos demais dias por volta da uma da manhã.

Hair, por exemplo, foi montado sob uma perspectiva japonesa. Era cantado em japonês. Ronaldo Gutierrez conta que “começava uma gueixa cantando Hair, andando por um jardim de cerejeiras, de arrepiar, era muito, muito bacana. Eu fazia... tinha uma hora que todo mundo cometia haraquiri em cena, saiam aquelas fitinhas vermelhas como na ópera”. (Entrevista Ronaldo Gutierrez)

O fato de o espetáculo acontecer em uma boate gay não o isentava de ter que ser apresentado à censura. Em Cabaré (fig.4), os figurinos dos militares tinham suásticas nos braços. O diretor do espetáculo optou por deixar os soldados representando prostitutas, mas ainda usando seus uniformes militares. Mas outros atores vestidos como prostitutas foram misturados a estes soldados, o que causou indignação no censor:

"O senhor está dizendo que todos os militares são prostitutas?", ele arguiu o diretor. "Não, quero dizer que o comunismo é uma prostituta...", disse o diretor, recebendo assim a liberação do espetáculo. O fato é que depois que as roupas foram para a lavanderia, todas as suásticas desapareceram. Teria sido um ato de censura? Não se sabe.



Figura 3– Hair, em versão japonesa.
R.Gutierrez está à direita. Fonte:
Arquivo Ronaldo Gutierrez.



Figura 4– Cabaret. R.G. no centro. Fonte:
Arquivo Ronaldo Gutierrez.



Figura 5– Jane das selvas. Fonte: Arquivo Ronaldo Gutierrez.



Figura 6– Jane das selvas. Fonte: Arquivo Ronaldo Gutierrez.

Jane das selvas (figs. 5 a 8) já era um espetáculo cômico, como bem mostram as imagens do espetáculo.

Era a história da Jane, que se perdia na selva e encontrava o Boy, filho do Tarzan, e ficava apaixonada. Mas ela era perseguida pelo Bando do Silicone Podre. A gente tinha até a cena dela no avião, voando! Aí vem o Bando do Silicone Podre e faz o avião cair na selva e ela sai linda, com um vestidinho. Tinha uma vilã que chamava Arakataka, ela era toda amarela, tinha uns pometes⁷⁹ amarelos e tinha uma vagina vermelha. Ela tirava a vagina e apontava assim, todo mundo congelava... Quando ela colocava a vagina de volta no lugar, o povo ria... (Entrevista com Ronaldo Gutierrez)



Figuras 7 e 8– Cenas de Jane das Selvas. Além da diferença corporal dos atores das boates de hoje, perceber que as nádegas expostas são bastante provocativas mesmo para o período. Fonte: Arquivo Ronaldo Gutierrez.

É curioso notar que no caso de Jane das Selvas há um apelo mais direto e sexual, que está bem refletido nos trajes sumários do coro masculino (fig.8). Este mesmo traje – ou sua ausência, caracterizando a nudez –

⁷⁹ Pometes são maçãs do rosto, que nas travestis geralmente são implantes ou injeção de silicone. Na peça, o ator usou espuma e maquiou por cima.

pode ser visto na figura 9, de um espetáculo chamado Todas. Havia espaço também para trajes mais tradicionais, como os da figura 10, que mostram malha e tutu de balé clássico, ainda que para efeito cômico.



Figura 9 –Um quadro de Todas, de 1986.

Fonte: Arquivo Ronaldo Gutierrez.



Figura 10 –Um quadro de Sempre Líricas,

de 1986. Fonte: Arquivo Ronaldo

Gutierrez.

Com relação à figura 9, Gutierrez disse que

Esse foi o "Todas". Isso aqui foi muito difícil... as roupas eram ternos e a gente ia tirando a roupa até ficar totalmente nu. O legal desse espetáculo foi que era a primeira vez que a gente fez um show falando sobre Aids. Um show inteiro falando sobre Aids. Eu chorava muito. Foi uma época em que todo mundo estava morrendo, tinha uma cena... sabe o "Vírus do amor", da Rita Lee? A gente ia dançando e ia morrendo, só eu sobrevivendo. E o mais difícil de tudo? Desta foto, eu acho que fui o único que sobreviveu. O único vivo. (Entrevista Ronaldo Gutierrez)

A nudez total, frontal, com exposição da genitália era proibida por lei. Gutierrez conta que em certa oportunidade rasgaram sua roupa em cena e a genitália ficou exposta. A polícia veio e o prendeu por um dia.

Havia ainda um terceiro tipo de traje, como mostram as imagens 11 e 12: os shows de travestis, fortemente inspirados nas produções de teatro francesas: mulheres glamourosas são as figuras centrais, cercadas pelos boys, ou como os chamaria Ronaldo Gutierrez, os gogo boys daquela época.



Figura 11– Palco da Homo Sapiens em 1984, com Margot Minnelli no alto, no centro.

Fonte: Página do Facebook da Condessa Mônica.

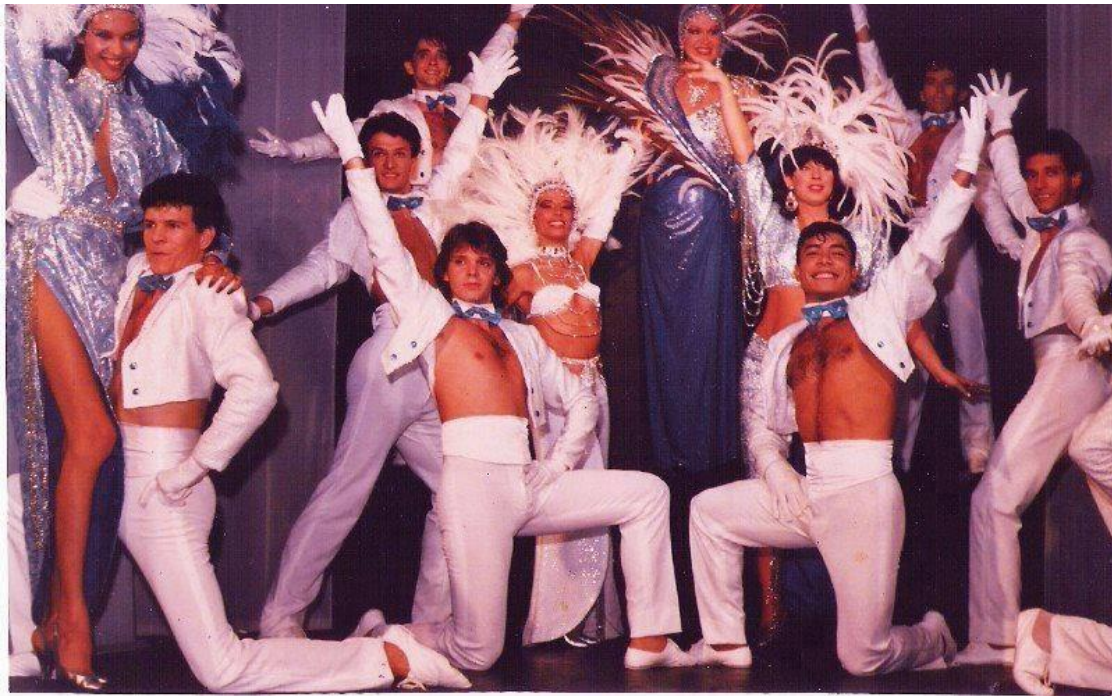


Figura 12– Show no palco da Homo Sapiens em 1987, com João Lobregatti, Veneza, Kleber, Aizita Brasil, Toninho Bianchi, Dulce Motta, Margot Minnelli, Tinho, Tércio Marinho, Roberto Fernandes e Julio Waldemar. Fonte: Página do Facebook da Condessa Mônica.

Ronaldo Gutierrez recorda que a Homo Sapiens tinha um depósito bastante grande de figurinos para serem usados nos espetáculos. A boate pagava pela produção dos trajes, como pagava também aos atores. “A gente tinha ensaios todos os dias, três a quatro horas por dia. A gente recebia pelo ensaio e recebia pelo show”, conta Gutierrez, “e dependendo da urgência, em um mês o espetáculo estava pronto, com quatro bailarinos e quatro bonitas (Nota: travestis)!”(Entrevista Ronaldo Gutierrez)

Elisa Mascaro, que foi dona da Medieval e depois da boate Corintho, disse no documentário São Paulo em Hi-fi que ela chegou a ter 16

travestis e 12 bailarinos em cena, que ela conduzia, orientava e tratava com severidade.

Eu falava com elas (*sic*) o que era e o que não era. Escolhia as roupas, escolhia os modelos, escolhia as músicas. Os próprios travestis (*sic*) trabalhavam na 25 (de março), na São Caetano e eles eram estilistas. Então eles desenhavam os modelos e eu escolhia: “Você vai ficar com esse, você vai ficar com aquele, você vai fazer isso”. Tinha travesti que não gostava... “Você vai usar esta pluma!”, “Não, eu vou usar aquela”, “Não, aquela eu vou dar para outra pessoa, você vai por essa!”. Daí eu comprava os panos, na 25, comprava todos aqueles panos. Tinha 4 ou 5 costureiras que faziam as roupas todas, que faziam os sapatos. Era para 12 travestis, seriam 12 travestis com sapato igual. Eu ia nos Estados Unidos e comprava os colares, os brincos, as pulseiras, eu trazia tudo dos Estados Unidos. Era assim minha vida, era assim dia e noite”. (Depoimento Elisa Mascaro)

Gutierrez lembra que havia uma costureira que trabalhava com a filha, nas proximidades da Ipiranga com a Rio Branco. Algumas travestis, como Miss Biá⁸⁰, célebre performer atuante desde finais da década de 1960, “pegavam os discos que vinham da Broadway e diziam: ‘olha, eu quero isso aqui. Elas faziam a maioria das roupas, a gente ia lá provar. Faziam aqueles vestidos...” (Entrevista Ronaldo Gutierrez)

⁸⁰ Ver entrevista com Miss Biá, nesse livro.

Brincando com fogo– literalmente.

O assédio policial contra os travestis e bailarinos era enorme. Ronaldo Gutierrez, bem como Kaká di Polly em São Paulo em hi-fi, denunciavam que a polícia ia na boate para prender os boys “para averiguação” ou checar se havia menores de idade envolvidos no espetáculo ou na casa naquela noite. Muitas vezes havia assédio de alguma espécie – de práticas masturbatórias forçadas ao sexo oral, passando pela humilhação aos boys de terem dedos introduzidos no ânus pelos militares.

Muitos artistas e travestis desapareceram depois de serem levados pela polícia. Neste sentido, o espetáculo Brincando com Fogo foi uma opção bastante perigosa. Nasceu na boate Homo Sapiens e depois foi para o Teatro Lua Nova, no Bixiga.

O enredo de Brincando com fogo trata basicamente de uma história de amor homossexual. Em um beco escuro de algum centro urbano, onde diversas personagens do submundo se encontram – michês, cafetões e até mesmo um índio – um rapaz jovem, vivido por Ronaldo Gutierrez, conhece e se apaixona por um marinheiro que havia oferecido sua alma ao diabo. Este marinheiro, no entanto, desejava ter uma noite de amor verdadeiro antes de cumprir sua parte no trato e seguir com o diabo. O menino decide descer ao inferno para resgatar a alma de seu apaixonado, em movimento semelhante ao mito de Orfeu e Eurídice. Nesta jornada, o menino é acompanhado por Jesus Cristo, Nossa Senhora e outras entidades que, na ocasião, causaram furor na Igreja

Católica. Antes de permitirem o encontro, entidades do mundo dos mortos violentam fisicamente o menino – era uma proposta da direção de, pelo estupro, corromperem a honestidade do rapaz.

O rapaz encontra o marinheiro e tenta resgatá-lo. O Diabo interfere, mas tem que dialogar com Jesus. O Diabo é marcado pelo ódio contra Deus, do qual se considera afastado. Jesus o beija e a redenção de todas as personagens encerra o espetáculo.

A temática cristã pode soar bastante estranha para o resgate do amor homoafetivo baseado na mitologia. Os trajes são, de maneira geral, muito padronizados: o jovem puro usa branco (fig. 13), enquanto que o marinheiro usa um uniforme semelhante ao do também marinheiro do filme homônimo *Querelle* (1982), de Rainer Werner Fassbinder.

As figuras 14 e 15 mostram a opção pelos trajes “cotidianos” dos michês ou garotos de programa de rua. O jeans, tanto na calça como no colete, era traje comum à geração dos anos 80. O couro era o elemento fetichizante tão bem retratado por Tom of Finland em seus desenhos homoeróticos.

A figura 16 traz o traje arrojado que já foi mencionado aqui: bastante sexualizado, é feito em couro e traz as nádegas dos atores expostas



Figura 13– O momento do encontro do casal de apaixonados.

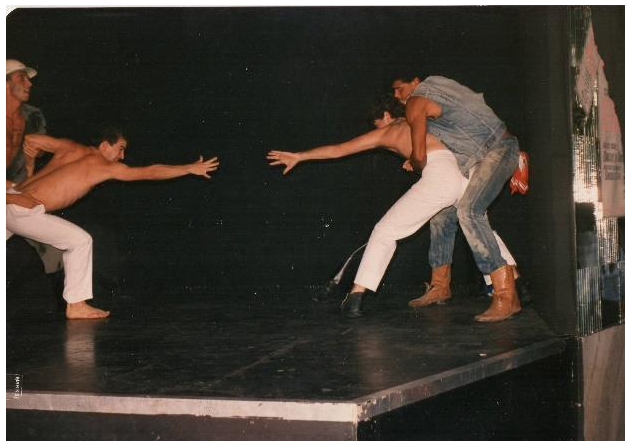


Figura 14– A separação dos dois amantes, por parte dos personagens do submundo.



Figura 15– As personagens do submundo.



Figura 16– A cena do estupro no inferno, onde o jovem vai em busca do amado.



Figura 17– Solo de Ronaldo Gutierrez como o rapaz tímido, com a cueca rasgada que geraria a prisão dele por um dia, como já visto. Todas as imagens pertencem ao Arquivo Ronaldo Gutierrez.

Alexandre Matte (2008) nomeia nos Anexos de sua tese de doutoramento que Brincando com fogo tinha texto e direção de Armando Tiraboschi. Coreografia, sonoplastia e assistência de direção de Armando Bravi. No elenco estavam Ronaldo Gutierrez, Celso Batista, Pedro Bellini, Cyrano Rosalem, Carlos Takeshi, Elton Pereira e Silva, José Roberto Fernandes e Teca Pereira. O espetáculo ficou em cartaz, ao menos no levantamento feito por Matte, entre 17 de abril e 18 de junho de 1987, no Teatro Lua Nova.

A cenografia e os figurinos foram assinados por Filó Galvão, do qual ainda não se obteve a mínima notícia.

Considerações finais

Neste breve levantamento inicial sobre a produção de trajes de cena utilizados nas produções das boates gays na cidade de São Paulo nos anos 80, três tipos de trajes puderam ser percebidos: os sumários, ou muito reveladores do corpo de seu portador, muitas vezes beirando a nudez; os tradicionais, ou também utilizados no cotidiano de outras produções teatrais na cidade e os glamourosos, revestidos da aura dos shows artísticos franceses e, posteriormente, americanos.

Há ainda outro tipo de traje que também precisa ser estudado: o traje das festas temáticas destes espaços da noite da comunidade gay dos anos 80. Kaká di Polly, no documentário São Paulo em hi-fi evidencia os modos de produção para estas festas, desde o uso de materiais dos familiares até o empréstimo entre amigos e performers da noite.



Figura 18– Wilza Carla de biquíni sobre um elefante na Rua Augusta. Fonte: Página do Facebook da Condessa Mônica.

A boate Medieval, por exemplo, produzia festas como Uma noite na Broadway, em que a Rua Augusta era fechada para que só as pessoas que iam à festa pudessem passar. Muitas performances eram feitas antes, durante e depois das festas. Para se ter um exemplo, a figura 18 mostra a atriz Wilza Carla, famosa nos anos 70 e 80, chegando sobre um elefante para uma festa na Medieval, trajando apenas um biquíni preto.

O registro, a pesquisa e a documentação destes trabalhos de traje de cena são de fundamental importância para a preservação da memória da comunidade LGBT da cidade de São Paulo e do país. A pesquisa aponta os meios de produção utilizados nestas montagens, identificando seus agentes e nomeando pessoas e profissionais que fizeram parte não só da noite paulistana mas também do fazer teatral na cidade nos anos 80, já que muitas vezes estes profissionais também serviam ao teatro, ao balé e à performance do período.

A festa não acabou. Há muito ainda a ser comemorado, e muito a ser exigido e defendido perante a lei. A história, e com ela seus componentes como memória e iconografia, ainda pode ser um dos alicerces desta luta que ainda não tem previsão para se encerrar.

Referências

Página do Facebook em homenagem à Condessa Mônica, em <<https://www.facebook.com/condessamonica>>. Acesso em 25 Jul. 2017.

Mate, Alexandre Luiz. *A produção teatral paulistana dos anos 1980*. Tese de doutorado; FFLCH USP, 2008.

Entrevista

Ronaldo Gutierrez– entrevista concedida a Fausto Viana, na residência do artista em São Paulo, em 05 de janeiro de 2017.

Depoimento

Elisa Mascaro, no documentário São Paulo em hi-fi

Documentário em DVD

São Paulo em hi-fi. Direção de Lufe Steffen, São Paulo, 2016. Produção: Cigano Filmes.